

Conóce-te a ti mismo: interculturalidad y rescate de narrativas de culturas populares espontáneas

Conhece-te a ti mesmo: interculturalidade e resgate de narrativas de culturas populares espontâneas

Know yourself: interculturality and rescue of narratives from spontaneous popular cultures

Patricio Dugnani*

Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Brasil

patricio.dugnani@mackenzie.br

ORCID: 0000-0001-7877-4514

Citar como: Dugnani, P. (2025). Conóce-te a ti mismo: interculturalidad y rescate de narrativas de culturas populares espontáneas. *Desde el Sur*, 17(3), e0054.

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre como a relação desequilibrada entre culturas populares espontâneas e a cultura de massa tem fomentado, além da padronização globalizada e desigual das culturas, um processo que conduz ao aumento da violência entre diferentes etnias, fenômeno cada vez mais frequente na sociedade moderna tardia. Com base nesse diagnóstico, considera-se que o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a comunicação intercultural poderia constituir um caminho para que distintas etnias estabeleçam um intercâmbio cultural mais equilibrado. Contudo, para a implementação de um projeto intercultural que seja capaz de acolher e difundir a diversidade cultural das diferentes etnias, torna-se necessário resgatar narrativas culturais espontâneas, em detrimento da cultura de massa difundida pelo uso dos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura popular espontânea, cultura de massa, interculturalidade

* Autor corresponsal: Patricio Dugnani, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, Brasil. Correo: patricio.dugnani@mackenzie.br

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on how the unbalanced relationship between spontaneous popular cultures and mass culture has encouraged, in addition to the globalized and unequal standardization of cultures, a process that leads to an increase in violence between different ethnicities, a phenomenon which is observed more and more frequently in late modern society. Based on this finding, it is believed that the development of strategies that facilitate intercultural communication could be a path that would lead different ethnicities to develop a more balanced cultural exchange. However, to develop an intercultural project that can embrace and disseminate the cultural diversity of different ethnicities, it is necessary to rescue spontaneous cultural narratives, to the detriment of the mass culture introduced by the use of the media.

KEYWORDS

Spontaneous popular culture, mass popular culture, interculturality

RESUMEN

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre cómo la relación desequilibrada entre culturas populares espontáneas y cultura de masas ha fomentado, además de la globalizada y desigual estandarización de las culturas, un proceso que conduce a un aumento de la violencia entre diferentes etnias, fenómeno que se observa cada vez con más frecuencia en la sociedad moderna tardía. Con base en este hallazgo, se cree que el desarrollo de estrategias que faciliten la comunicación intercultural podría ser un camino que llevaría a diferentes etnias a desarrollar un intercambio cultural más equilibrado. Sin embargo, para desarrollar un proyecto intercultural que pueda acoger y difundir la diversidad cultural de las diferentes etnias, es necesario rescatar narrativas culturales espontáneas, en detrimento de la cultura de masas introducida por el uso de los medios de comunicación.

PALABRAS CLAVE

Cultura popular espontánea, cultura popular de masas, interculturalidad

Introdução

Conhece-te a ti mesmo.

Sócrates

Jorge Luis Borges dividido pelo Oceano Atlântico, Albert Camus pelo Mar Mediterrâneo, Fernando Pessoa pelo Rio Tejo, Guimarães Rosa pelo São Francisco. Todos esses autores, de certa forma, se encontram divididos, e por causa disso são capazes de analisar, por meio de suas narrativas, a condição humana, tanto particular como geral. Esses seres divididos podem servir de metáfora para a situação mundial da Modernidade Tardia quando se observa que devido às guerras, à pobreza, à falta de divisão de rendas, à violência e, é claro, ao desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e de transportes, os movimentos migratórios aumentaram, e com eles a reação violenta e preconceituosa que sempre surge nos momentos de crise econômica: a xenofobia. Camus fala da dificuldade em ser argelino e francês ao mesmo tempo, ter no espírito a marca da colônia e da metrópole simultaneamente. Borges, conforme Maria Elisa Rodrigues Moreira (2019), é dividido entre a genealogia familiar Argentina, por parte de mãe, e a genealogia intelectual inglesa, por parte de pai.

Esses dois autores, mas principalmente Camus, revelam um movimento histórico que vem dividindo os seres humanos por causa das questões étnicas e, de forma exemplar, nas relações coloniais (ou imperialistas) que forjaram o surgimento do mundo moderno. Essas relações estão marcadas na derme do mundo moderno, e precisam ser revistas para que essas cicatrizes não venham a infeccionar e inviabilizar o movimento de aproximação entre culturas, por vezes denominado como Globalização, mas que Marshall McLuhan (2016) conceituou como Aldeia Global.

Esse movimento, que divide os indivíduos por suas heranças, que divide também as nações e as etnias pelo processo colonizatório e imperialista, tem se agravado pelo dilema que o desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e transporte tem gerado: por um lado as tecnologias de transporte e comunicação pressionam para uma globalização, por outro lado, as instituições resistem com movimentos desglo-balizantes. Essa tensão, segundo Dugnani (2018), tem aumentado os dilemas dos encontros culturais, e com isso as tensões entre as etnias, entre as nações, levando a um processo de aumento da violência e dos movimentos xenofóbicos, representados tanto pelo crescimento de discursos racistas quanto de discursos fascistas em todo mundo.

Partindo dessa reflexão, esse artigo busca observar como essa relação desequilibrada entre as narrativas das culturas populares espontâneas e a cultura de massa (no singular, pois se trata de uma cultura globalizada,

etnocêntrica e homogeneizada) tem incentivado, para além da uniformização globalizada e desigual das culturas, um processo que leva ao aumento da xenofobia e da violência entre diferentes etnias. Mediante esse fenômeno, cada vez mais evidente, acredita-se que o desenvolvimento de estratégias que facilitem a comunicação intercultural poderia ser um estudo que traria sugestões para o desenvolvimento de ações que levassem as diferentes etnias a desenvolver uma troca cultural mais equilibrada.

Afinal, ao misturar a cultura de massa sem reflexão sobre as diversidades culturais que se apresentam pelas diferentes etnias que compõem a humanidade, como será possível desenvolver um processo de integração intercultural equilibrado e justo?

Como as diferentes etnias culturais que compõem o mundo podem se aproximar de maneira a trocar suas tradições e expressões se estão cada vez mais homogeneizadas? Como a interculturalidade pode ser possível sem que uma etnia, de modo etnocêntrico, tente se impor sobre a outra por meio de ações de poder? Como seria possível um projeto intercultural eficiente se não somos capazes de identificar as diferenças que compõem as culturas mundiais?

Essas são perguntas que não pretende-se responder agora, mas que precisam ficar em pauta para que seja possível obter senão uma resposta completa, pelo menos um caminho a seguir. Por isso, este artigo na verdade inaugura um projeto maior que pretende desenvolver, a partir do resgate das culturas populares espontâneas, o desenvolvimento de relações interculturais mais equilibradas entre as diferentes etnias.

Sendo assim, o problema central desse artigo será refletir sobre o quanto as narrativas da cultura popular espontânea de diferentes etnias têm sido «sequestradas», ou seja, substituídas pela cultura popular de massa, e o quanto se torna fundamental resgatá-las para o desenvolvimento de misturas culturais mais equilibradas.

Refletir sobre o resgate das narrativas da cultura popular espontânea de diferentes etnias para fortalecer as relações entre culturas (interculturais), buscando diminuir processos de encontros culturais baseados em visões etnocêntricas, deveria ser um objetivo não somente desse artigo, mas das políticas públicas de diferentes nações, para que assim seja possível reverter esse quadro de crescimento da violência e da xenofobia verificadas na Modernidade Tardia. Essa é uma das grandes crises do momento contemporâneo (Wainberg, 2022) que precisa ser compreendida para se buscar soluções para uma integração entre culturas, uma interculturalidade justa e que respeite a diversidade de cada etnia.

Das referencias

Para realizar essa reflexão, pretende-se utilizar diferentes referências bibliográficas. Além de teóricos críticos da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Max Horkheimer (2000), para analisar o processo de homogeneização das culturas realizadas através do uso dos meios de comunicação, as ideias de uma globalização desequilibrada desenvolvidas por Milton Santos (2001) também servirão de apoio para as reflexões críticas aqui apresentadas.

Joseph Luyten (1998) conduz um entendimento sobre as diferenças entre cultura popular espontânea e cultura popular de massa, ajudando na compreensão das consequências desse processo de sequestro da primeira em detrimento da uniformização da informação, a massificação, que a segunda produz.

Complementando o quadro teórico que deverá compor o debate dessa reflexão, o entendimento da questão da extensão dos meios (tanto de comunicação, como de transporte) como influenciadores da organização social apresentada por Marshall McLuhan (2016) será utilizada para entender como os meios acabam por se tornar agentes de transformação social.

Continuando por esses dilemas que a Modernidade Tardia impõe para as organizações sociais, partindo da visão de Norval Baitello (2015) e Dugnani (2022a, 2022b, 2018) sobre a relação entre a fragmentação da sociedade e os meios de comunicação, serão observados os conflitos entre globalização e desglobalização, os quais trarão esclarecimentos sobre os encontros delicados entre as diferentes etnias (presenciais ou virtuais) que se observa com muita frequência na sociedade tardo-moderna devido ao desenvolvimento tecnológico dos meios.

Finalmente, mas não menos importante, os debates sobre interculturalidade, comunicação intercultural e aculturação serão realizados partindo das ideias de Lisette Weissmann (2018), Rosa Cabecinhas (2008), Maria Aparecida Ferrari (2015), Margarida M. Krohling Kunsch (2017), Natália Ramos (2013 e 2009), Isabel Estrada Carvalhais (2008) e Anna Zlobina e Dario Páez (2008).

Com esse referencial teórico, pretende-se, como dito anteriormente, inaugurar uma reflexão sobre a necessidade de um projeto maior de resgate das culturas populares espontâneas de diferentes etnias para diminuir os conflitos gerados pelo crescimento dos encontros entre culturas. Esses encontros culturais são cada vez mais comuns no momento tardo-moderno devido tanto ao aumento da migração de povos que fogem, principalmente da miséria e da guerra, como pelo uso dos meios digitais.

Do método

O artigo se apoia metodologicamente, para o seu desenvolvimento, a partir de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida para identificar os discursos, os paradigmas e os epistemes que acabam por organizar o momento contemporâneo, o qual pretende-se denominar como Modernidade Tardia. Contudo, na atual etapa, para além dessa busca arqueológica dos saberes que compõem uma determinada época, pretende-se passar para uma nova fase da pesquisa, inaugurada por esse artigo. Essa nova fase pretende entender como os meios de comunicação e os discursos de uma determinada época, a contemporânea, nesse caso, se relacionam a fenômenos interrelacionados à constituição das relações sociais entre culturas, ou seja, os estudos de interculturalidade e comunicação intercultural.

Essa reflexão mais ampla tem sido desenvolvida pelo grupo de pesquisa de Linguagens e Narrativas Interculturais, filiado à Universidade Presbiteriana Mackenzie —Brasil— e certificada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pretende-se observar os fenômenos paradoxais que surgiram a partir do advento dos novos meios de comunicação digitais na sociedade contemporânea. Pretende-se também refletir sobre a contradição que os meios digitais trouxeram para o cenário da Modernidade Tardia, em que esses meios, ao invés de produzirem a globalização, ou seja, a aproximação quiçá equilibrada entre culturas, como era de se esperar, acabaram por criar, de maneira contraditória, um ambiente de aumento da fragmentação, da polarização e da desglobalização da sociedade. A partir dessa constatação, entende-se que é importante verificar se os estudos de interculturalidade não poderiam se apresentar como uma proposta para buscar soluções para esses dilemas da Modernidade Tardia.

Como se organiza essa sociedade contemporânea, a qual denominamos de Modernidade Tardia? Quais discursos, signos e representações ajudam a compor o imaginário que, de certa forma, acaba por influenciar a organização da sociedade contemporânea? Como os meios de comunicação, principalmente os meios de comunicação de massa e os meios digitais tem produzido contradições como a fragmentação da sociedade global ao invés da aproximação, como era esperado com o advento das novas tecnologias de comunicação? Como essa fragmentação afeta a relação entre as culturas, cada vez mais pressionadas para um processo de aproximação global impressa pelas novas tecnologias de comunicação? Os estudos de interculturalidade e comunicação intercultural poderiam surgir como uma ferramenta para evitar esse processo, que tem causado o aumento da violência entre culturas, a disseminação de discursos e ações

xenofóbicas entre diferentes etnias e o aumento da polarização ideológica que produz a segmentação social?

Essas são algumas perguntas que as reflexões do grupo de pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais pretendem explorar com uma pesquisa mais ampla, inaugurada por esse artigo: «Conhece-te a ti mesmo: sequestro e resgate das narrativas das culturas populares espontâneas: por uma interculturalidade equilibrada».

Tomando-se essas questões norteadoras, também se percebe, como uma hipótese, que a perda da identidade cultural e a aculturação que os diferentes grupos sociais têm sofrido podem estar produzindo esses movimentos mundiais de fragmentação da sociedade. Esse processo tem se intensificado nos últimos anos devido à aceleração de movimentações de grupos humanos para diferentes espaços, fugindo muitas vezes da miséria ou de conflitos armados na figura das migrações e imigrações.

Essa intensificação pode ser observada também devido à aceleração dos encontros entre culturas, alicerçados pelos meios digitais, os quais tem imprimido nas relações interculturais das comunidades virtuais, muitas vezes, não uma relação equilibrada de trocas de informação, mas sim uma introdução artificial de modelos etnocêntricos de culturas, como previam as críticas da Escola de Frankfurt (2000), que, por motivos principalmente econômicos ou políticos, acabam por serem impostos e não trocados, produzindo, finalmente, não culturas híbridas, mas sim uma uniformização dessas culturas.

Por causa dessas questões é que se torna fundamental, na tardo-modernidade, o resgate das culturas populares espontâneas e o fortalecimento das identidades culturais, para que possa haver uma troca mais equilibrada entre diferentes culturas que se disseminam cada vez com maior alcance, seja pelas novas tecnologias de transporte ou pelas novas tecnologias de comunicação.

O método se estrutura, segundo Dugnani (2024), na busca em relacionar as ideias de Marshall McLuhan (2016) e a teoria dos meios, com a busca de Michel Foucault (2012, 1990) em constituir um método arqueológico de análise: sua arqueologia do saber. Essa estratégia pretende compreender o pensamento de uma época. O método da arqueologia do saber de Foucault (2012, 1990), atualizado pela visão metodológica descrita por Giorgio Agamben em seu livro *Signatura Rerum* (2019), somado à teoria dos meios de McLuhan (2016), compõem o aparelhamento metodológico que se pretende utilizar.

Nesse sentido, Foucault (1990) abandona a necessidade de encontrar a lei absoluta que rege os acontecimentos históricos para dar espaços

aos discursos que acabam por constituir os saberes de uma determinada época, saberes que se revelam nos discursos que se apresentam e se organizam a partir de seu uso e daquilo que representam na sociedade de sua época. O método arqueológico de Foucault (1990), mediante à análise das *epistemes*, não pretende, com sua análise dos discursos que compõem o pensamento de uma determinada época, destituir a potência dos saberes que se compuseram historicamente, mas sim compreender a dinâmica que rege as relações entre esses saberes para compreender o pensamento de uma determinada época (Dugnani, 2024, p. 142).

Com esse procedimento, primeiro identificam-se os paradigmas, *epistemes* e assinaturas, ou seja, «o conjunto de discursos que constituem os saberes de uma determinada época» (Dugnani, 2024, p. 142).

Iniciando a apresentação do método que se pretende aproximar, observa-se a Teoria dos Meios desenvolvida por McLuhan, principalmente no debate de seu livro clássico: *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem* (2016). Nesse livro, McLuhan (2016) faz uma longa análise da relação entre o desenvolvimento dos diferentes meios e a influência do uso desses mesmos meios na organização e nas transformações sociais, culturais e comportamentais da sociedade, além de investigar a relação entre os indivíduos que compõem essa sociedade. Ao estudar essa relação entre sociedade, cultura e ser humano em relação ao uso e desenvolvimento tecnológico dos meios, McLuhan (2016) acaba por desenvolver uma espécie de arqueologia dos meios, senão uma arqueologia cultural dos meios de comunicação. Nesse ponto é que se inicia as aproximações entre McLuhan (2016), Foucault (1990) e Agamben (2019): na visão arqueológica que o autor canadense aplica em suas análises dos meios como extensões do humano, e como esse desenvolvimento tecnológico vai influenciando o comportamento e a consciência dos seres humanos em relação à sociedade. Ou seja, os meios, seu uso e a própria tecnologia interferem nas práticas discursivas de cada época, tornando-se, para McLuhan (2016), informação pura, de forma que os meios acabam por compor os paradigmas de sua época. Por isso é possível aproximar o método arqueológico de Foucault (1990) e Agamben (2019) do método dos estudos dos meios de comunicação de McLuhan (2016) (Dugnani, 2024, p. 144).

Esse primeiro procedimento, no caso do método aplicado a esse artigo, leva em consideração os discursos transmitidos pelos meios, mas principalmente os efeitos e transformações que a introdução de novas tecnologias e o uso meios de comunicação produzem ao serem inseridos na sociedade, conforme destaca a ideia de que o meio seria uma mensagem, lançada por McLuhan (2016).

Para McLuhan (2016) diferente do que se pensa, o meio não é apenas um transmissor de informação, mas sim a informação pura, pois assim como a informação transmitida produz mudança de comportamento e consciência no receptor, os meios introduzidos em uma sociedade produzem transformações na sua organização, por isso o meio é mensagem e a informação para McLuhan (2016).

No segundo procedimento, tomando a proposta central desse artigo, depois de compreender os discursos que compõem a organização tardo-moderna, motivados pelo uso dos meios de comunicação, principalmente os meios digitais, será possível verificar e buscar estratégias para fortalecer o contato e as trocas entre as culturas, cada vez mais globalizadas, buscando um equilíbrio para que não haja a imposição de modelos culturais ou a necessidade de aculturação dos migrantes e imigrantes. Ou seja, nesse momento, somado aos estudos culturais ou de interculturalidade de autores como Stuart Hall (2004), Isabel Estrada Carvalhais (2008), Maria Aparecida Ferrari (2015), Lisette Weissmann (2018), Margarida M. K. Kunsch (2017), Rosa Cabecinhas (2008), Anna Zlobina e Dario Páez (2008), esse método, fundado na arqueologia do saber de Foucault (2012, 1990), poderá servir de ferramenta para a análise e compreensão dos encontros interculturais que se multiplicam cada vez mais na sociedade tardo-moderna, além de busca de estratégias que possam, senão reverter, pelo menos amenizar esse processo.

Essa reflexão metodológica, enfim, pode contribuir com a compreensão de como os usos dos meios de comunicação podem produzir transformações de comportamento e consciência na sociedade, principalmente nas relações entre culturas que essas novas tecnologias tendem a proporcionar de maneira cada vez mais frequente. Por isso, o desenvolvimento de pesquisas por esse viés tem um potencial relevante para esclarecer uma série de fenômenos contraditórios que tem composto o cenário que se vislumbra da organização social da Modernidade Tardia.

Dentre esses fenômenos contraditórios, acredita-se que contra o sequestro, o resgate das culturas populares espontâneas pode ser uma estratégia que tem potencial para fortalecer a identidade cultural das diversas etnias que compõem a população humana. Com esse fortalecimento, acredita-se que será possível criar uma resistência perante os processos de aculturação, presenciais ou digitais, revertendo essa imposição etnocêntrica de culturas que se observa desde os tempos mais remotos. Contudo, cabe um aviso: essa é uma estratégia delicada e perigosa, pois esse resgate das culturas populares espontâneas, ao invés de fortalecer as identidades culturais contra imposições etnocêntricas, pode dar voz a um nacionalismo cego e, paradoxalmente, fortalecer os discursos de

ódio, as visões fascistas e a xenofobia. Por isso, esse processo da soma das teorias dos meios com a arqueologia do saber deve vir mediado pelos estudos de comunicação intercultural na tentativa de evitar o exacerbamento de uma série de efeitos negativos que já são sentidos na sociedade tardo-moderna.

Da massificação da cultura popular

Como está se falando sobre sequestros e resgates das culturas populares espontâneas, torna-se fundamental identificar primeiro esse conceito, cunhado por Joseph Luyten (1998). Para o autor, no século XX é possível identificar dois tipos de cultura popular: a espontânea e a de massa. A cultura popular espontânea se refere à cultura que se organiza em uma comunidade, como o próprio nome diz, de maneira espontânea. Ou seja, uma cultura popular espontânea se desenvolve a partir das trocas simbólicas e atribuições de significados realizadas através da convivência dessa comunidade, mas não de maneira hermética, pois podem sofrer influências externas. Essas influências externas não substituem a cultura local, mas podem ser espontaneamente absorvidas ou não pela comunidade através das relações sócias do cotidiano, constituindo um imaginário coletivo que absorve o processo de representações culturais.

Já a cultura popular de massa se trata de um fenômeno mais recente e que está intimamente relacionada ao advento dos meios de comunicação elétricos e os meios de comunicação de massa, principalmente do século XX em diante. Essa cultura não se desenvolve espontaneamente como a anterior, mas acaba sendo, concordando com Theodor Adorno e Max Horkheimer (2000), injetada artificialmente através de estratégias ligadas ao uso mercadológico dos meios de comunicação, principalmente os de massa. Para Adorno e Horkheimer (2000), esse processo acaba por criar uma cultura artificial que se afasta das expressões culturais espontâneas e próprias de cada comunidade, produzindo uma homogeneização dessa cultura em relação à outras. Ocorre nesse processo uma industrialização da cultura, onde ela é vista mais como mercadoria do que uma representação das características da comunidade. Por isso a Escola de Frankfurt denomina essa cultura introduzida artificialmente, baseada no gosto médio da massa de cultura média, ou seja, a cultura de massa.

Do sequestro das culturas populares espontâneas

Percebe-se que principalmente entre o século XX e XXI, com o advento dos meios de comunicação elétricos e, mais recentemente, com os meios digitais, as narrativas da cultura popular espontânea das diferentes etnias têm sido relegadas a um segundo plano, pois não conseguem uma audiência tão grande quanto os entretenimentos massificados produzidos

de maneira seriada. Por causa disso, os entretenimentos que agradam a massa, ou seja, o gosto médio da maioria das pessoas, tem um espaço maior na transmissão desses meios do que as informações regionais, mais ligadas à cultura popular espontânea.

Por isso neste artigo esse processo é visto como um sequestro da cultura popular espontânea, afinal, ela tem sido sequestrada por anos de uma globalização desequilibrada, concordando com Milton Santos (2001), e pelos anos de uma massificação cultural (uniformização da cultura) realizada pelo processo de industrialização da cultura, como previu a Escola de Frankfurt (Adorno, Horkheimer, 2000).

A cultura popular espontânea tem sido substituída artificialmente por uma cultura popular de massa devido a questões mercadológicas, pois a informação, tanto quanto a cultura, é vista nesses novos meios como um produto, como uma mercadoria a ser consumida, e não como conteúdos que podem trazer esclarecimento aos espectadores. Ou seja, por trás desse processo está cada vez mais ocorrendo uma uniformização das culturas para o aumento do consumo de informação, e não para o esclarecimento da população.

Como essa uniformização, com o advento de meios que estendem globalmente, a percepção humana, concordando com McLuhan (2016), surge o processo de globalização, de mistura mundial entre as culturas, que o pesquisador canadense denomina como Aldeia Global. Dessa forma, esse processo de globalização vai substituindo a diversidade cultural pela homogeneização de culturas, se fazendo um projeto que substitui as diferentes culturas populares espontâneas por uma cultura artificialmente introduzida pelo uso dos meios de comunicação com alcance global (digitais e de massa).

Sendo assim, dentro de um sistema que substitui a diversidade pela uniformização entre culturas, como é possível conhecer outras narrativas culturais se sequer se conhece a própria, a espontânea, a qual vem sendo substituída metodicamente pela cultura de massa, esta artificial e produzida para satisfazer o maior interesse dos que controlam os meios de comunicação: gerar audiência?

Do Resgate ou aculturação na Modernidade Tardia

Mediante o dilema da interculturalidade como um fenômeno que seria inviável num mundo onde as culturas estão se misturando artificialmente por um processo desequilibrado de industrialização da informação (Indústria Cultural), como seria possível evitar os processos de aculturação promovidos pelos encontros entre etnias, e o possível crescimento dos discursos xenofóbicos que se tem observado na Modernidade Tardia?

A uniformização desigual das narrativas culturais produzida pelo desequilíbrio da transmissão dos conteúdos nos meios de comunicação, em que as narrativas da cultura de massa, centradas no entretenimento e audiência, ganham um espaço muito maior do que as narrativas populares espontâneas, acabam por criar uma uniformização mundial das culturas, que se caracteriza no processo de globalização ou Aldeia Global, para McLuhan (2016), que se observa hoje na Modernidade Tardia.

Esse processo acaba por desenvolver uma globalização desequilibrada, em que as identidades culturais, juntamente com as narrativas, também são homogeneizadas, e a diversidade, ao invés de ser um fator positivo, acaba por ser ignorada perante um modelo estandardizado de cultura, a qual denomina-se cultura média ou cultura de massa.

Nesse panorama, os encontros culturais, promovidos cada vez mais pelo avanço tecnológico dos meios de comunicação e de transporte, se multiplicam pressionados pelas visões etnocêntricas, herdadas pelos processos de colonização e imperialismo, a partir da Idade Moderna, levando à aculturação ao invés do respeito entre as diferentes culturas que se encontram. Ou seja, o etnocentrismo herdado dessa época se sobrepõe sobre a possibilidade de crescimento e desenvolvimento de culturas que ganham com a diversidade. Essa visão, centrada em modelos étnicos impostos pelas noções dos povos colonizadores e imperialistas, acaba gerando violência através do crescimento dos discursos e ações xenofóbicas que se observa na Modernidade Tardia.

A aculturação, segundo John W. Berry (1992), se dá de quatro maneiras: assimilação, separação, marginalização ou integração.

O imigrante pode sofrer aculturação quando adota as características de outras culturas, abdicando da sua de origem, para se sentir pertencente ao novo ambiente, o que seria uma *assimilação*. O imigrante pode promover, também, uma *separação* quando buscando resistir à nova cultura e acaba por se isolar em seu grupo de origem e manter relações apenas com eles. A *marginalização*, outro tipo de aculturação, ocorre quando o grupo dominante e local impede que o imigrante acesse a vida social e as expressões culturais daquela localidade ou daquele grupo dominante, mantendo-o à margem das relações sociais. O último tipo de aculturação descrito por Berry (1992) é a *integração*, a qual parece ser mais adequada e equilibrada, em que a interculturalidade poderia atuar de maneira mais eficiente, pois parte da identidade cultural original é mantida e parte da identidade do grupo étnico-cultural é adotada. Possivelmente, nesse tipo de relação, é que poderia se investir mais para buscar encontros étnicos mais equilibrados.

Finalmente, gostaria de propor mais um tipo de aculturação, que parece ser forte na Modernidade Tardia: uma aculturação promovida pelo uso dos meios de comunicação globalizantes, principalmente os digitais. Esse processo de aculturação, que poderíamos chamar de aculturação digital, se configura em uma aculturação em que os indivíduos sequer precisariam se locomover ou serem desterrados por guerras ou miséria, mas que cumprem sua tarefa de homogeneização das culturas e imposição de determinados conteúdos sobre os outros devido a interesses comerciais e/ou políticos.

A aculturação digital é um novo fenômeno, que precisa ser analisado tanto pelos estudos interculturais quanto os relacionados à imigração, pois tem causado problemas similares em populações cada vez maiores.

Contudo, e nisso não há dúvida, a aculturação dos povos que imigraram, ou mesmo a aculturação promovida pelos meios de comunicação (aculturação digital), poderia ser refreada se houvesse um resgate das culturas populares espontâneas, pois esses discursos simbólicos poderiam ajudar esses povos, desterrados principalmente pelas guerras e miséria ou desculturados pelas relações globais impostas pelos meios digitais, a valorizar suas origens, seus costumes, seus ritos, ou seja, possibilitaria que eles pudessem atribuir novos valores positivos à sua cultura e não se conformar apenas em assimilar a cultura imposta pelos modelos coloniais ou à cultura uniformizada e industrial que os meios de comunicação transmitem maciçamente de maneira constante e intensa.

Sendo assim, é preciso resgatar as narrativas da cultura popular espontânea, pois o desenvolvimento de apenas a troca entre culturas populares de massa não concretiza um projeto de interculturalidade, mas sim uma massificação. Misturando as culturas homogeneizadas, fabricadas por anos de um projeto de industrialização da informação, que só fortalece uma cultura média, massificada, e não a mistura equilibrada dessas culturas. Reafirma-se, assim, o que os meios de comunicação já estão fazendo a muito tempo: uma uniformização da cultura, e não uma troca entre elas.

Enfim, todas as etnias do globo terrestre de alguma maneira sofreram e ainda sofrem um processo de aculturação, seja pelo processo histórico da colonização, seja pela migração ou pelo advento e uso dos meios de comunicação. Esse processo de aculturação sempre privilegiou um discurso voltado para os conteúdos valorizados mercadologicamente pelos meios de comunicação de massa, desvalorizando, assim, a cultura popular espontânea. Sendo assim, refletir sobre essa questão é fundamental para repensar as relações culturais na Modernidade Tardia.

Considerações finais

Entende-se que não se faz aqui uma oposição ao processo de aproximações entre culturas através das novas tecnologias da comunicação, afinal, esse processo é inevitável. Compreende-se, porém, que se torna fundamental o resgate e a valorização das narrativas das culturas populares espontâneas para desenvolver uma integração mundial, pois senão apenas contribuiremos para ampliar a uniformização de culturas que deixaram bem claras suas posições etnocêntricas. Esse fenômeno tem contribuído ainda mais para a tendência de aumento da xenofobia devido ao encontro mais frequente entre culturas, este que tem sido ampliado exponencialmente tanto pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e dos meios transportes como pelos movimentos migratórios que o desequilíbrio social, a má distribuição de rendas e a exploração entre as nações tem incentivado.

Partindo dessas reflexões é que esse artigo propõem o resgate das narrativas das culturas espontâneas, para que elas sejam apresentadas e se tornem moedas de trocas entre as diferentes etnias do mundo, buscando, através dos estudos de interculturalidade, soluções para um dilema contemporâneo e inevitável: a aproximação das culturas, potencializada pelo desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e transporte. Buscar pela interculturalidade estratégias para uma globalização mais justa e equilibrada e, conseqüentemente, um resfriamento dos movimentos desglobalizantes que as instituições têm produzido através de uma resistência entre as trocas culturais, torna-se fundamental na sociedade tardo-moderna.

Por mais que possa parecer contraditório, o resgate das culturas espontâneas como estratégia de fortalecimento dos encontros culturais entre diferentes etnias e nações parece fundamental para o desenvolvimento de uma interculturalidade mais equilibrada. Este artigo acredita que somente será possível um processo de globalização intercultural equilibrado e mais justo se houver a libertação das visões xenofóbicas que assolam o mundo tardo-moderno. Se as culturas populares espontâneas se fortalecerem, reencontrando sua identidade, poderão efetuar trocas de experiências entre diferentes grupos humanos, libertando-se assim de visões etnocêntricas, imperialistas e colonialistas, abrindo caminho para o desenvolvimento de encontros étnicos-culturais em nível global, livres de preconceitos e violências. Além disso, os estudos da comunicação e da interculturalidade se tornam fundamentais para o desenvolvimento de estratégias para a organização de um mundo que, de forma inevitável, parece se aproximar cada vez mais, devido ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação e transporte. Por causa dessas reflexões é que

se acredita que um movimento globalizante mais eficiente passa em primeiro lugar pelo resgate das culturas populares espontâneas, e não pela homogeneização produzida pela cultura artificial de massa, que tem sido disseminada, principalmente, desde o início do século XX.

Justifica-se esta pesquisa, então, na importância fundamental de conhecer sua cultura popular espontânea e mesmo as outras culturas sequestradas de todos os países do mundo pelo desenvolvimento homogeneizante da cultura de massa. Para poder impedir essa uniformização artificial de culturas, bem como possibilitar que os encontros interculturais, cada vez mais comuns num mundo globalizado, possam ocorrer sem serem contaminados por visões etnocêntricas e/ou xenofóbicas, acredita-se que é preciso, antes de poder efetivar uma interculturalidade eficiente, resgatar a cultura popular espontânea através de suas narrativas. Caso esse processo não aconteça, apenas continuaremos fundindo uma mesma cultura massificada, sem a devida atenção à diversidade cultural que compõem o mundo em que vivemos. Essa cultura popular de massa, introduzida artificialmente pelo uso dos meios de comunicação, primeiro de massa, depois os digitais, vêm mantendo um processo de globalização do gosto médio de uma cultura média.

Ou seja, primeiramente, inspirado na máxima de Sócrates, conhece-te a si mesmo, pretende-se resgatar e valorizar as culturas populares espontâneas para depois, num segundo momento, promover trocas de forma que a riqueza e a diversidade das diferentes culturas poderão enriquecer os processos de comunicação intercultural. Com o fortalecimento de um projeto intercultural mais justo e equilibrado, acredita-se que será possível redirecionar as misturas culturais para um processo menos massificado que valorizem a diversidade em detrimento ao etnocentrismo.

Sem o devido resgate da diversidade, representada pelas culturas populares espontâneas que se organizam em diferentes regiões do mundo, jamais será possível uma interculturalidade eficiente, somente uma uniformização de culturas com tendências etnocêntricas, uma globalização desequilibrada e, concordando com Santos (2001), uma Aldeia Global sem coletividade, diferente o que pensava McLuhan (2016).

Contribución de autoría

Patricio Dugnani participó en todas las funciones CRediT.

Fuente de financiamiento

Autofinanciado.

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, T. e Horkheimer, M. (2000). Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas. Em L. C. Lima (sel.), *Teorias da Cultura de Massa*. Paz & Terra.

Agamben, G. (2019). *Signatura rerum*. Boitempo.

Baitello, N. (2015). (A massa sem corpo), (o corpo sem massa), (a massa sem massa), (o corpo sem corpo. As redes sociais como ambientes de ausência (e fundamentalismos). Em M. I. V. de Lopes e M. M. K. Kunsch (orgs.), *Comunicação, cultura e mídias sociais*. ECA-USP.

Berry, J., Poortinga, Y. H., Sam, D. L., Breugelmans, S. M. e Chasiotis, A. (1992). *Cross-cultural psychology. Research applications*. University Press.

Cabecinhas, R. (Org.). (2008). *Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Carvalhais, I. E. (2008). Imigração e interculturalidade na União Europeia: Sombra e luz de uma relação complexa. Em R. Cabecinhas (org.), *Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Dugnani, P. (2022a). Corpo Estendido Versus Corpo Intercultural: Reflexões Sobre o Uso dos Meios de Comunicação e a Interculturalidade. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 9(1), 17-29. <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/3527>

Dugnani, P. (2022b). Meios de comunicação e Aldeia Global: Globalização, desglobalização e interculturalidade. *ECCOM*, 13(26). <https://shorturl.at/icQ1M>

Dugnani, P. (2018). Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade. *Revista Famecos*, 25(2). <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>

Dugnani, P. (2024). Método científico y paradigmas posmodernos. Reflexión sobre un método arqueológico de análisis de la comunicación. *Prometeica. Revista de Filosofía y Ciencias*, 29, 138-148. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9378005>

Ferrari, M. A. (2015). Comunicação Intercultural: Perspectivas, Dilemas e Desafios. Em C. P. Moura y M. A. Ferrari (orgs.), *Comunicação, interculturalidade e organização: faces e dimensões da contemporaneidade*. EDIPUCRS.

Foucault, M. (1990). *As Palavras e as Coisas*. Martins Fontes.

Foucault, M. (2012). *A Arqueologia do Saber*. Forense Universitária.

Hall, S. (2004). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A.

Kunsch, M. M. K. (2017). comunicação intercultural e cidadania em tempos de globalização. Em *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – O caso das Ciências da Comunicação* (pp. 337-354). CECS. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2729

Luyten, J. (1998). *Sistemas de Comunicação Popular*. Ática.

McLuhan, M. (2016). *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. Cultrix.

Moreira, M. E. R. (2019). *Coleção, Arquivo, Biblioteca: A Literatura de Borges e Calvino*. Tradição Planalto.

Ramos, N. (2009). Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. *Revista Educação em Questão*, 34(20), 9-32. <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/3941/3208>

Ramos, N. (2013). Interculturalidade(s) e Mobilidade(s) no espaço europeu: viver e comunicar entre culturas. Em *The Overarching Issues of the European Space*. Faculdade Letras Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12349.pdf>.

Santos, M. (2001). *Por uma Outra Globalização*. Record.

Wainberg, J. (2022). Identidades em Crise e a Desglobalização. *Cultural Mural Internacional*, 13, e63263. <https://doi.org/10.12957/rmi.2022.63263>

Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Construção Psicopedagógica*, 26(27), 21-36. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004&lng=pt&tlng=pt.

Zlobina, A. e Páez, D. (2008). Aculturación y comunicación intercultural: El caso de inmigración en España. Em R. Cabecinhas (org.), *Comunicação Intercultural Perspectivas, Dilemas e Desafios*. Editora Campo das Letras e o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Patricio Dugnani é professor do Mestrado Profissional em Comunicação Intercultural nas Organizações (MPCOM), professor e tutor de pesquisa do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Pesquisador dos grupos de pesquisa Linguagens e Narrativas Interculturais (LENI, CNPQ), da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Recepción: 7/2/2025
Aceptación: 4/5/2025